



Entre o livro e o audiolivro: leitura comparada de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis¹

Between the book and the audiobook: a comparative reading of *Posthumous Memoirs of Brás Cubas*, by Machado de Assis

Entre el libro y el audiolibro: lectura comparada de *Memorias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis

Jaimeson Machado Garcia^{1*}

Ana Cláudia Munari Domingos^{**}

Resumo

Fundamentado nos conceitos dos Estudos de Intermedialidade, nosso trabalho propõe uma leitura comparada de dois tipos de mídia diferentes, o livro e o audiolivro, usando como exemplo *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Para isso, analisamos as distintas características cognitivas e perceptivas do livro impresso e do audiolivro, conforme proposto por autores como Lars Elleström (2021) e Jørgen Bruhn e Beate Schirmacher (2022). Mostramos como as semelhanças intermediais entre o livro e o audiolivro permitem a mediação de um mesmo valor cognitivo, enquanto trazemos à tona as implicações de suas diferenças para a recepção da obra na aprendizagem da literatura. A partir da adaptação da metodologia dialética de Celso Vasconcellos (1992) e a partir de Rildo Cosson (2006), colocamos em perspectiva a construção do conhecimento *pela* literatura e do conhecimento *de* literatura, em que o primeiro trata da mediação do produto de mídia, a partir da análise das modalidades pré-semióticas das mídias, e o segundo trata da representação, na análise da modalidade semiótica. Nosso objetivo é mostrar que a leitura comparada das mídias promove a literacia midiática, permitindo a construção de habilidades de leitura e produção críticas, a partir da compreensão de como a literatura constrói sentido em tipos de mídia diferentes.

Palavras-chave: livro; audiolivro; estudos de intermedialidade; leitura comparada das mídias; ensino de literatura.

Abstract

Based on the concepts from Intermediality Studies, our study proposes a comparative reading of two different media types, the book and the audiobook, using the novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (*The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*) by Machado de Assis as an example. For this proposition, we analyze the distinct cognitive and perceptive features and traits of the printed book and the audiobook, as proposed by authors like Lars Elleström (2021) and like Jørgen Bruhn and Beate Schirmacher (2022). We show how the intermedial similarities between the book and the audiobook allow the mediation of the same cognitive value, while we highlight the implications of their differences for

Resumen

Fundamentado en los conceptos de los Estudios de Intermedialidad, nuestro trabajo propone una lectura comparada de dos tipos de medios diferentes, el libro y el audiolibro, utilizando como ejemplo *Memorias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Para ello, analizamos las distintas características cognitivas y perceptivas del libro impreso y del audiolibro, según lo propuesto por autores como Lars Elleström (2021) y Jørgen Bruhn y Beate Schirmacher (2022). Mostramos cómo las similitudes intermediales entre el libro y el audiolibro permiten la mediación de un mismo valor cognitivo, mientras destacamos las implicaciones de sus diferencias para la recepción de la obra en

¹ Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo fomento por meio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior viabilizou esta pesquisa sob a forma de bolsas de estudo.

*Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. orcid.org/0000-0002-3398-6828. E-mail: jaimesonmachadogarcia@gmail.com.

**Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. orcid.org/0000-0002-6629-588X. E-mail: bfranchetto@yahoo.com.br

the reception in the learning of literature. By adapting Celso Vasconcellos' (1992) dialectical methodology, we put into perspective the construction of knowledge *by* literature and the knowledge *of* literature, based on Rildo Cosson (2006), where the former deals with the mediation of the media product, analyzing the pre-semiotic modalities of media, and the latter deals with representation, analyzing the semiotic modality. Our goal is to show that the comparative reading of media promotes media literacy, enabling the development of critical reading and production skills, by understanding of how literature constructs meaning in different media types.

Keywords: book; audiobook; intermedial studies; comparative reading of media; literature education.

el aprendizaje de la literatura. A partir de la adaptación de la metodología dialéctica de Celso Vasconcellos (1992), ponemos en perspectiva la construcción del conocimiento a través de la literatura y del conocimiento sobre literatura, basándonos en Rildo Cosson (2006), donde el primero se refiere a la mediación del producto mediático, mediante el análisis de las modalidades pre-semióticas de los medios, y el segundo se refiere a la representación, en el análisis de la modalidad semiótica. Nuestro objetivo es mostrar que la lectura comparada de los medios promueve la alfabetización mediática, permitiendo la construcción de habilidades críticas de lectura y producción, a través de la comprensión de cómo la literatura construye significado en diferentes tipos de medios.

Palabras-clave: libro; audiolibro; estudios de intermedialidad; lectura comparada de medios; enseñanza de literatura.

Ler e escutar

Ainda que sejam tipos de mídias capazes de mediar um mesmo valor cognitivo², o livro e o audiolivro exigem habilidades cognitivas-perceptivas distintas: o livro demanda decodificação visual e criação de imagens mentais; o audiolivro cria um ambiente virtual por meio da performance sonora de um leitor, com músicas e efeitos sonoros que interpretam o texto. Embora o texto seja o mesmo, ele se transforma quando transmediado, oferecendo novas experiências, como ocorre ao comparar a leitura de um livro com a adaptação de um filme.

No ensino de literatura, combinar livro e audiolivro permite realçar as diferenças e explorar como as mídias constroem sentido, auxiliando na compreensão e no processamento das obras pelos alunos. A comparação entre ler e ouvir pode contribuir para entender o que é literatura e o que é mídia, vista como uma entidade complexa com materialidades técnicas e culturais. Este estudo, baseado nos conceitos dos Estudos de Intermedialidade, propõe uma abordagem para integrar livro e audiolivro no ensino, utilizando como exemplo *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis. A análise explora as sinergias entre os dois meios e como sua interação pode promover uma educação mais inclusiva e crítica, capacitando os alunos a apreciarem a diversidade de formas literárias e midiáticas.

Intermedialidade: tipos, modalidades e modos das mídias

A Intermedialidade é um espaço de estudos interdisciplinar que abrange diversas perspectivas teóricas e que se desenvolveu no interior de diferentes áreas, incluindo, entre elas, a Literatura Comparada. Em vista dessa interdisciplinaridade, ela tem se estabelecido como um campo autônomo, para o qual estudiosos e pesquisadores trazem seus conhecimentos a depender dos tipos de mídia em interação.

Em linhas gerais, a Intermedialidade, como esse campo de estudo, pode ser entendida como a análise de “qualquer fenômeno que – como o prefixo *inter* indica – ocorra num espaço entre uma mídia e outra(s)” (Rajewsky, 2012, p. 52).³ Essa abrangência, no entanto, acaba por se tornar

² Lars Elleström (2021) define “cognitive import” (valor cognitivo) como as configurações mentais formadas nas mentes tanto do produtor quanto do receptor de um produto de mídia.

³ Convém ressaltar, conforme explica Lucia Santaella (2003), que mídia é uma denominação cujo sentido está em abarcar todos os meios de comunicação que já não se encaixavam mais dentro dos padrões delineados durante a década de 1980 para descrever os meios de massa. Isto é, todos aqueles que forneciam informações para um grande número de pessoas simultaneamente, a exemplo

problemática, levando os estudiosos a se empenharem em delinear quais elementos e critérios precisam ser considerados quando se observam essas relações. Como questionam Jørgen Bruhn e Beate Schirmacher (2022, p. 16, tradução nossa), “estamos falando de objetos como livros ou registros; ou estamos referindo-nos àquilo a que eles proporcionam acesso, como textos, imagens ou sons organizados; ou estamos referindo-nos ao tipo de informação que compreendemos de acordo com a convenção de um contexto específico?”.

Para responder a essas questões, contemplando todas as características das mídias, Elleström (2021) propõe um constructo conceitual que permite colocar, em intersecção com a intermedialidade, as noções – e seus respectivos estudos – de intertextualidade e multimodalidade. A intertextualidade é um dos tipos de relações transtextuais definida a partir da Teoria da Literatura, mais especificamente a partir do estruturalismo. A multimodalidade é um conceito que advém da intersecção entre os estudos de Comunicação e os de Linguística, sobretudo na análise do discurso.

Os estudos multimodais têm por objetivo focar na integração entre os diferentes modos dos fenômenos de comunicação ou dos fenômenos discursivos, isto é, nas maneiras como textos, em sentido amplo, são construídos a partir do uso e combinação de modos distintos, que nem sempre são inerentes à linguagem base que os constitui. Nesse sentido, entendendo esses textos como produtos de mídia, a multimodalidade pode ser compreendida a partir dos estudos de intermedialidade.

A partir dessa perspectiva, Elleström (2021, p. 11) entende que “todas as mídias são multimodais e intermediais no sentido em que são compostas por múltiplos recursos básicos e só podem ser completamente compreendidas em relação a outros tipos de mídia com as quais compartilham recursos básicos”. Ou seja, é a partir do comparativismo entre os modos que constituem as mídias que conseguimos entendê-las em sua totalidade. Podemos acrescentar, ainda, levando em conta o termo “texto”, mais usado nos estudos linguísticos e literários, que todos os textos são intertextuais, parafraseando a lógica estruturalista.

Mas o que seria exatamente um modo? A Intermedialidade, a partir de Elleström (2021, p. 70) estabelece o modo como “uma maneira de ser ou fazer” das mídias. Ao propor um modelo irreduzível, mas possível de ser expandido, Elleström (2021) agrupa esses modos em quatro modalidades que, conforme explicam Bruhn e Schirmacher (2022), representam a forma como nos relacionamos com as mídias, ainda que muitas vezes sem ter em conta esse processo: (I) primeiro, deparamo-nos com um objeto material (modalidade material), (II) que percebemos por meio de nossos sentidos (modalidade sensorial), (III) e cujas diferentes características espaciais e temporais interagem entre si (modalidade espaçotemporal),⁴ (IV) deduzindo que o que percebemos com nossos sentidos está ali representando outra coisa – ou seja, um signo (modalidade semiótica). Ou seja, as modalidades pré-semióticas.

Quando tais modalidades são suficientes para definir e distinguir um tipo de mídia de outro, Elleström (2021) categoriza-a como básica. Todavia, há circunstâncias em que é necessário levarmos em consideração, ainda, seu histórico e seu uso social. Diante disso, o teórico propõe uma segunda forma de classificação a partir de dois aspectos qualificadores: o contextual, que trata da “origem e delimitação das mídias em circunstâncias históricas, culturais e sociais específicas”, e “envolve a formação de tipos de mídias com base em práticas, discursos e convenções histórica e geograficamente determinadas” (Elleström, 2021, p. 98); e o operacional, que se volta ao “propósito geral da mídia, seu uso e função [...]. Esse aspecto abrange a construção de tipos de mídia com base nas tarefas comunicativas esperadas ou presumidas” (Elleström, 2021, p. 100). Quando é necessário acessá-los para a definição e categorização dos tipos e subtipos de mídia, ela passa a ser denominada como um tipo de mídia qualificada. É a partir da análise das mídias básicas e dos qualificadores que podemos, por exemplo, distinguir entre uma leitura oralizada de um poema, um *slam poetry*, um espetáculo teatral.

Há, ainda, uma outra categoria importante para a compreensão do escopo teórico proposto por Elleström (2021): a das mídias técnicas de exposição. Em sua visão, as mídias técnicas são

do rádio, da televisão ou dos jornais impressos. Porém, a emergência da comunicação planetária via redes de teleinformática fez com que todos os processos comunicacionais mediados por computador também passassem a ser chamados de *mídia*.

⁴ Conforme tradução de *spatiotemporal* na obra de Elleström (2021), adota-se a forma “espaçotemporal”, sem hífen.

todos e quaisquer objetos, fenômenos físicos ou corpos capazes de exibir as configurações sensoriais de um produto de mídia. A mídia técnica de um livro impresso, por exemplo, é o próprio livro, enquanto a mídia técnica de exposição de um audiolivro pode ser um computador, um smartphone, um aparelho de rádio ou qualquer outro dispositivo eletrônico. Nesse sentido, o livro é uma mídia de exposição, um suporte físico para determinado tipo de mídia qualificada. Já o termo audiolivro pode referir-se ao “conteúdo” de uma mídia sonora, com qualidades condicionadas à mídia técnica e, ainda, a partir dos operadores contextuais e operacionais, também ao tipo de mídia qualificada audiolivro.

No entanto, esse conteúdo dos livros impressos, de modo geral, por ter certas condições associadas às modalidades e aos operadores, também pode ser entendido como um tipo de mídia qualificada. É assim que o livro torna-se eficaz e difícil de ser substituído integralmente por uma nova tecnologia, ainda que essa tecnologia seja capaz de mediar o conteúdo de um livro, pois o livro integra suporte e conteúdo e *affordances* de uma maneira muito eficaz.

Os tipos de mídia livro e audiolivro

A partir das categorias propostas por Elleström (2021), tanto o livro quanto o audiolivro podem ser considerados como dois tipos distintos de mídia qualificada por diferentes razões. O livro é um tipo de mídia qualificada por ter o “texto escrito” como sua mídia básica, o qual é apresentado sob o formato códice e engendrado por componentes paratextuais, tais como a capa, a contracapa, a lombada e outros elementos epitextuais e peritextuais classificados por Gerard Genette (2006). Ainda que o livro abarque uma multiplicidade de submídias⁵ que se utilizem de outras mídias básicas, como é o caso de compêndios de receitas culinárias, que, recorrentemente, apropriam-se da fotografia para ilustrar os pratos prontos, assim como as histórias em quadrinhos recorrem também à ilustração, é possível entendê-lo como um tipo de mídia qualificada em vista de sua associação, em uma perspectiva histórica, com a cultura letrada e com todo um campo de saber que é o da edição.

A partir de Elleström (2021), o conteúdo de um livro específico – e de um audiolivro – é entendido como um produto de mídia. Um conjunto de produtos de mídia que guardam semelhanças estáveis é que se torna um tipo de mídia qualificada. O livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, é um produto de mídia cuja origem dá-se nos folhetins publicados entre março e dezembro de 1880 na *Revista Brasileira*, e é publicado somente um ano depois, em 1881, em formato de livro pela editora B. L. Garnier. Em meio a adaptações teatrais, cinematográficas e versões em quadrinhos, a história do defunto autor Brás Cubas tem sido publicada por diferentes editoras por estar em domínio público. Assim, quando tratamos desse produto de mídia em específico, estamos tratando daquele texto de Machado, re-midiado⁶ a partir do livro impresso enquanto mídia técnica de exposição. Exemplo disso são as edições de editoras como da Penguin-Companhia (Assis, 2014), Panda Book (Assis, 2018) ou Antofágica (Assis, 2024), que trazem o texto da forma como foi publicado originalmente. Já as adaptações constituem-se como produtos de mídia diferentes.

Tomando por base as definições de Pedro Atã e Beate Schirrmacher (2022) a respeito das modalidades do livro dentro da perspectiva teórica de Elleström (2021), podemos considerar, na modalidade material, a sua constituição enquanto um objeto estável e orgânico, com a mídia básica texto escrito fixo ao longo de suas páginas. Para percebermos o conteúdo do livro, somos compelidos a mover nossos olhos e cabeça, ou mesmo ajustar a sua posição durante o ato da leitura em razão de sua dimensão, peso e solidez.

Na modalidade sensorial, como mencionado anteriormente na introdução, a predominância recai sobre a visão e o tato, podendo ser elencados os aspectos crossmodais da audição, enquanto nossa leitura silenciosa ecoa o som das palavras em nossa mente e, ainda, em todos os cinco sentidos, visto que vamos imaginando sons, cheiros, imagens, gostos, texturas ao nos engajarmos no ato da leitura. A interocepção e a propriocepção também são acionadas pela imaginação,

⁵ Para Elleström (2021), em seu constructo teórico, tanto um tipo de mídia qualificada quanto uma submídia correspondem à ideia de gênero. Uma submídia é uma categoria inserida em outro tipo de mídia.

⁶ Ou seja, ter suas modalidades material, espaçotemporal, sensorial e semiótica expostas novamente.

ocasionando respostas corporais. Já na modalidade espaçotemporal, o modo principal é o tempo, já que a leitura funciona a partir de uma progressão linear de decodificação de palavras em sequência para a construção de sentido. Isso nos permite ter controle sobre esse processo, tendo em vista que podemos ajustar a velocidade ou mesmo interromper e retomar a leitura quantas vezes acharmos necessário.

Na modalidade semiótica, Atã e Schirrmacher (2022) explicam que a linguagem escrita é, em sua essência, concebida como um sistema simbólico, no qual a representação de objetos é realizada mediante convenções estabelecidas. Em um grau menor, a iconicidade e a indicialidade também se manifestam, já que certas palavras ou representações possuem uma relação de semelhança com seus objetos, seja através de sua forma ou estrutura, ou quando estabelecem uma conexão direta entre o sinal linguístico e um objeto específico, por exemplo.

Em contrapartida, no audiolivro, “o tipo básico de mídia do texto não é percebido visualmente em uma página, mas acusticamente por meio de ondas sonoras eletrônicas” (Atã; Schirrmacher, 2022, p. 45). Ou seja, a modalidade material é composta pela onda ondulatória do som que carrega e transmite o conteúdo textual. Na modalidade sensorial, a audição emerge como modo predominante de percepção, embora também seja possível considerar a interocepção, visto que as ondas sonoras afetam a temperatura corporal, a pulsação, a sudorese e a circulação sanguínea de um modo diferente da leitura da palavra escrita, pois o som, como fator ambiental externo, evoca tanto o sentido da interocepção quanto da propriocepção de maneira mais direta, sem exigir uma mediação imediata da imaginação. Já na modalidade espaçotemporal, temos como modo a largura, a altura e a profundidade, em razão da propagação tridimensional das ondas sonoras, especialmente quando reproduzidos por meio das caixas de som. O tempo, desconsiderando determinadas propriedades físicas, pode ser entendido como a duração para a percepção total de um audiolivro – seja ele na íntegra ou serializado.

A modalidade semiótica, por sua vez, vai variar entre o icônico, o indicial e o simbólico, de acordo com a performance sonora do leitor, ou seja, depende do(s) agente(s) responsável(is) pela transmissão sonora do texto literário. Tomando como base a tricotomia peirciana, Garcia, Domingos e Fronckowiak (2023) propõem essa classificação aos leitores do audiolivro, levando em conta que é imprescindível que haja pelo menos um deles para que o audiolivro seja considerado como tal.

As categorias do agente leitor no audiolivro são, assim: (I) o leitor simbólico, cuja fala é monótona, já que busca uma articulação linear e desprovida de modulações na entonação, sotaques ou outros elementos acústicos que manifestem resposta interpretativa – apesar de que a neutralidade total não seja possível, pois a própria fonética exige determinadas inflexões; (II) o leitor icônico, como o equivalente ao de um contador de histórias, por evocar emoções e sensações mediante o emprego de pausas, variações de ritmo, inflexões e outros recursos sonoros inerentes à expressão vocal humana, que impõe na voz sua expressão e identidade; (III) o leitor indicial, como aquele que busca imergir o ouvinte na cena, como se estivesse em uma encenação teatral ou produção audiovisual. Outra perspectiva do leitor indicial está no reconhecimento daquela voz como pertencente a uma determinada pessoa, que passa a ser a personagem ou narrador, colocando o leitor em um aqui-agora da cena.

Quando integrados à performance sonora dos leitores, a música e os efeitos sonoros também são possíveis de serem compreendidos por meio de tais relações semióticas. Garcia e Domingos (2024) classificam, dessa forma: (I) a música em sua propriedade icônica é capaz de se entrelaçar tão intimamente com os efeitos sonoros que poderia facilmente substituí-los, já que as ondas sonoras organizadas são capazes de “imitar” sons naturais; (II) a música em sua propriedade indicial tem o poder de retratar a passagem temporal, a geolocalização ou uma identidade étnica específica, mas somente se o ouvinte for capaz de tecer tal relação; (III) a música em sua propriedade simbólica atua por meio de convenções, como é o caso de hinos religiosos, cadência de tambores que prenunciam uma batalha ou uma música lenta que representa tristeza.

Já com a intenção de distinguir os termos adotados para a música, os efeitos sonoros foram delineados mediante as terminologias cunhadas por Elleström (2021), que chama o ícone de ilustração, o índice de indicação e o símbolo de descrição. Vejamos que, enquanto o som é um fenômeno físico natural e a fala é o modo de comunicação humana mais comum, a música é uma

construção artificial – cultural e artística – e, assim, colabora de modo próprio para a construção da história, pois se mostra, duplamente, como um artifício. Neste sentido, Garcia e Domingos (2024) definem: (I) os efeitos sonoros em sua propriedade ilustrativa (icônica) são capazes de substituir sons de eventos físicos, passando a representá-los por meio da semelhança; (II) os efeitos sonoros em sua propriedade indicativa (indicial) são aqueles que se encontram diretamente entrelaçados ao objeto cujo som eles concretizam; (III) os efeitos sonoros em sua propriedade descritiva (simbólica) são capazes de delinear o que é convencionalizado, a exemplo dos sons emitidos por um ser extraterrestre ou de um animal pré-histórico, como um dinossauro.

Assim como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* conta com uma variedade de edições, as versões em audiolivro também apresentam uma diversidade de performances vocais, por vezes combinada à música e aos efeitos sonoros. Destes, elencamos três, que também servem como indicações para serem trabalhadas em sala de aula em razão, justamente, da maneira única como empregam um ou mais desses três tipos de mídias sonoras.

O primeiro é o audiolivro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Assis, 2019), da Editora Globo, produzido pela Íntegra Audiolivro em parceria com a Audible. Neste produto de mídia, Gustavo Ottoni assume a performance sonora de um leitor simbólico, visto que a sua leitura em voz alta é centrada na transmissão das palavras da narrativa de Machado de Assis da maneira mais neutra possível. Tal abordagem é reforçada pela ausência de música e efeito sonoro, fazendo com que os ouvintes sejam imersos na prosa machadiana sem interferências externas.

O segundo é o audiolivro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Assis, 2023a), da Audible. Neste produto de mídia, Ronnie de Campos Mello assume a performance sonora de um leitor icônico, já que apresenta um certo grau de modulação na fala, ainda que não haja mudanças significativas entre os personagens da narrativa. Exemplo disso é percebido em um dos diálogos entre Brás Cubas e Virgília, quando é possível perceber um tom jocoso na resposta da personagem sobre seu interesse amoroso, quando questionada se ela andava visitando defuntos: “– Anda visitando os defuntos? disse-lhe eu. – Ora, defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – Ando a ver se ponho os vadios para a rua” (Assis, 2023a, cap. VI, 3m a 3m15s). Assim como no exemplo anterior, a ausência de músicas e efeitos sonoros coloca igualmente importância na performance sonora do leitor icônico, elemento único de construção da narrativa, assim como é o narrador de papel (neste caso, sem o recurso da performance sonora).

O terceiro é o audiolivro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Assis, 2023b), da Tocalivros Clássicos. Neste produto de mídia, cada personagem é acompanhado por seu próprio leitor indicial, em conjunto com a integração de músicas exclusivas e originais, criadas por Juscelino Filho, e uma variedade de efeitos sonoros. A música orquestrada apresenta-se, fundamentalmente, em sua propriedade indicial, ao evocar o período histórico em que se desenvolve a narrativa. Ou seja, a música auxilia na criação da atmosfera da época retratada na obra de Machado de Assis. Já os efeitos sonoros aparecem em momentos específicos, como quando Brás Cubas descreve o seu enterro em um dia chuvoso, sendo possível perceber o som característico desse evento meteorológico.

Leitura comparada do livro e o audiolivro na aula de literatura

Quando tratamos da literatura em sua relação com outras linguagens, artes ou mídias, entramos na seara da literatura comparada. Como espaço interdisciplinar, sobretudo na contemporaneidade e a partir da chamada Cultura das mídias (Santaella, 1996), essa perspectiva teórico-crítica sempre esteve atada à centralidade do fenômeno literário, visto que seus agentes, pesquisadores da área de Teoria da Literatura sobretudo, tratam do conhecimento específico da literatura.

É assim que binômios como literatura e cinema, literatura e jornalismo, poesia e pintura e literatura e psicologia, têm sido entendidos. Por outro lado, na escola – como na vida – a literatura tem perdido a sua centralidade como fenômeno da cultura. Tanto é que a versão vigente da *Base Nacional Comum Curricular* (Brasil, 2018) não mais entende a literatura como disciplina, mas como um objeto de conhecimento de diferentes componentes, sobretudo daqueles integrados à área de Linguagens e suas tecnologias.

Neste contexto em que as práticas sociais têm sido profundamente midiadas por tecnologias digitais, também as expressões culturais e as artes têm se misturado ao universo de *bytes*. Assim, a literatura, como o cinema, a música e os jogos digitais, não são recebidos como formas isoladas de comunicação, mas como fenômenos intermidiais em constante interação, diálogo e disputa. É sob este viés que entendemos que a aprendizagem da literatura na escola pode integrar-se à prática da literacia midiática, entendida aqui como a leitura comparada das mídias.

As mídias, nessa equação, precisam ser compreendidas em sua complexidade, como esferas de atuação social que guardam características específicas que têm todo o sentido na própria constituição da sociedade e em seu funcionamento. Ler comparativamente as mídias é saber ler um romance de ficção e um romance reportagem; um jornal de papel e uma plataforma de notícias; uma elegia grega e um *slam poetry*; uma propaganda religiosa e um texto publicitário; ler um romance e assistir a sua adaptação para o cinema. Nessa perspectiva, a questão fundamental da atividade de leitura literária em diferentes mídias, como esta da obra de Machado em livro e em audiolivro, é sobre semelhanças e diferenças, para aprender com elas sobre as especificidades de cada um desses tipos de mídia.

As modalidades pré-semióticas das mídias – material, espaçotemporal e sensorial – têm sentido na mediação dos produtos de mídias, enquanto a modalidade semiótica é aquela que trabalha a construção de significado. Entendemos que essas três primeiras modalidades relacionam-se com a decodificação do texto escrito e do texto sonoro. Assim, quando comparamos um livro e um audiolivro levando em conta essas modalidades, esta análise relaciona-se com a construção de conhecimento *pela* literatura, enquanto a modalidade semiótica, com o conhecimento *de* literatura – como veremos nas seções seguintes.

Mobilização: comparando as modalidades básicas do livro e do audiolivro

A leitura literária é frequentemente apresentada de forma tradicional, fornecendo contexto histórico, estilo literário e temas principais. Rildo Cosson (2006) propõe três formas de conhecimento sobre literatura: “sobre”, que abrange teoria e história; “de”, que foca nos elementos literários da obra; e “para”, que usa a literatura para desenvolver habilidades críticas e empáticas. O conhecimento “de” literatura enfatiza a análise de elementos como enredo, personagens e linguagem, enquanto o conhecimento “pela” literatura busca conectar a obra a contextos mais amplos, como a esfera real percebida de Lars Elleström.

A proposta neste trabalho visa explorar o conhecimento “pela” literatura, usando a leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para destacar o fenômeno literário em um contexto midiático. A metodologia dialética sugere mobilizar o interesse dos alunos para a leitura, não apenas pelo ato de ler, mas pela curiosidade e pela reflexão crítica, estimulando a dúvida e a análise comparativa entre livro e audiolivro. Essa abordagem metacognitiva deve evitar a leitura mecânica, promovendo um processo de descoberta e questionamento.

Antes de iniciar a escuta

Antes de iniciar a escuta, é importante contextualizar os alunos sobre a recepção de diferentes formas de comunicação. Uma maneira eficaz é comparar a leitura de uma notícia por um apresentador de telejornal com a leitura de outra pessoa, que expressa emoções variadas, como risos ou sussurros, ilustrando diferentes performances. Também é possível conectar essa atividade à escuta de histórias na Educação Infantil, levando os alunos a imaginar como um famoso autor defunto contaria sua própria história, estimulando uma discussão crítica sobre o impacto do tom e da performance na literatura.

Iniciando a escuta e a leitura

No início da leitura/escuta, é pertinente apresentar o trecho: “Escrevi-a com a pena da galhota e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que sairá desse conúbio”, a partir de dois ou

mesmo dos três audiolivros citados de exemplo neste trabalho, e perguntar se os alunos percebem diferenças entre eles. A partir daí, pode-se explorar se eles conhecem o significado das palavras utilizadas e discutir como isso pode influenciar a compreensão do texto. Neste ponto, a intenção recai sobre o questionamento: paramos a leitura para buscar o significado? Se incluirmos a leitura do livro eletrônico, pode ficar evidente a diferença, pois este geralmente traz a possibilidade de acesso ao dicionário com o clique na palavra. Também é relevante explorar como seria a experiência de ler o mesmo trecho no livro impresso, questionando: como seria interpretar um texto escrito a partir da perspectiva única do autor falecido? Por fim, é importante estimular os alunos a refletirem sobre quais sentimentos predominariam se eles fossem escrever suas próprias vidas, considerando se seriam guiados pela “pena” da galhota, pela caneta, pelo lápis ou pelo teclado.

A leitura e a escuta

Para realizar a leitura comparada, pode-se dividir os alunos em dois grupos: um lê a obra impressa e o outro escuta o audiolivro, permitindo a troca de experiências nas discussões. Outra opção é todos lerem a obra e depois escutarem trechos do audiolivro para identificar diferenças e semelhanças entre os formatos. Cada grupo também pode escutar diferentes audiolivros, comparando narrações e estilos. Além disso, é possível realizar leituras e escutas simultâneas em sala, com o restante sendo feito em casa, combinando uma experiência guiada com trabalho individual, favorecendo a análise crítica colaborativa e independente.

Tabela 1 – Possibilidades de abordagens para a comparação entre o livro e o audiolivro.

Dinâmica	Descrição
Divisão em grupos	Alunos divididos: um grupo lê o livro impresso, outro escuta um audiolivro. Discussões em grupo enriquecem entendimento das diferentes formas de leitura
Leitura do livro impresso e audição de trechos	Todos leem o livro impresso e ouvem trechos de audiolivros para comparação. Base comum de conhecimento facilita análise das diferenças e semelhanças.
Grupos com audiolivros diferentes e leitura comparativa	Grupos ouvem audiolivros diferentes, comparando com leitura de trechos do livro impresso. Análise direta de estilos de narração e interpretação.
Leitura e escuta simultâneas	Trechos lidos e ouvidos simultaneamente em aula, leitura completa em casa. Combina aprendizado guiado com autonomia para análise crítica.

Fonte: elaborado pelos autores.

Cada abordagem possui seus próprios méritos e pode ser adaptada para atender às necessidades dos alunos e ao contexto da sala de aula. Por isso, convém destacar que a escolha por uma das dinâmicas acima depende dos objetivos educacionais específicos e das preferências do professor quanto ao ambiente de aprendizagem, seja ele colaborativo ou independente. O objetivo é fomentar uma compreensão mais ampla e multifacetada da leitura em duas obras diferentes, explorando como diferentes formatos de mídia podem influenciar a interpretação e a apreciação do texto literário.

Comparação entre as modalidades básicas do livro e do audiolivro

Através do cotejamento entre as modalidades material, espaçotemporal, sensorial e semióticas de ambos os tipos de mídias é que, ao perceber suas semelhanças e diferenças, fomentamos a habilidade de perceber como cada uma evoca leituras diferentes. Elaboramos uma série de questionamentos que podem ser usados pelos professores para guiar a análise comparativa em sala de aula. Essa atividade pode ser realizada em paralelo à leitura/escuta; algumas questões podem ser postas antes da leitura/escuta; e ainda podem ser exploradas em parceria com outras disciplinas e projetos.

Outra questão importante está no fato de que as modalidades das mídias são inseparáveis, assim, não há como analisar a modalidade material sem evocar os sentidos e, portanto, a modalidade sensorial e, na continuidade, a espaçotemporal, e mesmo a semiótica, que evoca a interpretação do texto. Essa separação aqui proposta é meramente para que se compreenda as especificidades de cada uma das modalidades; no entanto, essa atividade pode muito bem ser realizada em conjunto, a partir das dúvidas e questionamentos que vão surgindo da análise dos elementos a partir da materialidade dos produtos de mídia.

Comparação entre a modalidade material do livro e do audiolivro

Para explorar a modalidade material, os alunos podem ser divididos em pequenos grupos e receber diferentes versões impressas de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para uma análise do livro como objeto. Eles devem observar a qualidade do papel, a encadernação, o modo como o códice é composto – dobra, lombada, orelha, etc. Nesta fase da análise, pode ser realizada uma pesquisa paralela sobre os processos de edição, para que o livro seja compreendido como algo fabricado a partir de um processo complexo de edição. A história do códice, ou mesmo da escrita e da leitura, também pode ser um tema de pesquisa e estudo.

Da mesma forma, a origem e desenvolvimento do audiolivro também pode ser um foco de estudo. Na comparação, depois ou na mesma atividade de análise das diferentes versões impressas de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o professor pode colocar uma ou mais versões do audiolivro da obra para que eles escutem, por exemplo, através do computador e de uma caixa de som. Neste momento, o importante é entender também a versão sonora como um produto produzido a partir de uma tecnologia e suas materialidades.

Tabela 2 – Exemplo de questionamento para a comparação da modalidade material entre o livro e o audiolivro.

Modalidade	Livro	Audiolivro
Material	Qual o impacto do formato, da encadernação, da qualidade do papel e do peso do livro na decodificação do texto?	Que elementos compõem um audiolivro? Ele tem capa, ficha catalográfica, título?
	Que diferenças e semelhanças há entre as diferentes edições?	Que diferenças são percebidas entre os diferentes audiolivros e nas distintas formas de escuta?

Fonte: elaboração dos autores.

Comparação entre a modalidade espaçotemporal do livro e do audiolivro

Para explorar a modalidade espaçotemporal, o professor pede que os estudantes façam a leitura individual e silenciosa de um trecho de um livro impresso, demarcando um tempo para essa atividade. Ao final, questiona em que trecho cada um parou. Também é importante verificar se algum deles interrompeu a leitura e por qual motivo, por exemplo, para conferir o significado de uma palavra. Depois, os alunos escutam o mesmo trecho do audiolivro, durante o mesmo período de tempo usado para a leitura. Em seguida, a turma faz a comparação entre as duas

experiências, avaliando a relação entre ritmo e tempo de leitura com a decodificação do texto. A discussão deve abordar as diferenças nessa decodificação: a leitura silenciosa, através da qual toda a narrativa constrói-se na relação entre o correr dos olhos na página conforme o ritmo do leitor, e a escuta, quando o ritmo é dado pelo leitor. É importante, para isso, examinar a estrutura do texto, se há parágrafos, capítulos. Quanto ao audiolivro, pode-se observar se há pausas e silêncios entre os capítulos ou entre os parágrafos, se o título é lido, se aqueles textos iniciais do livro “aparecem” na versão sonora.

Para guiar essa discussão, os professores podem recorrer às seguintes perguntas:

Tabela 3 – Exemplo de questionamentos para a comparação da modalidade espaçotemporal entre o livro e o audiolivro.

Modalidade	Livro	Audiolivro
Espaçotemporal	Como é a estrutura do texto: em parágrafos longos ou curtos? Como são as frases, longas, curtas, homogêneas? E os parágrafos? Há capítulos? Como são demarcados?	Todas as partes do livro são transmidiadas para a versão em audiolivro? São perceptíveis pausas ou silêncios que identifiquem as partes do texto?
	Como a liberdade para marcar pausas e ajustar o ritmo durante a leitura influenciam a decodificação do texto?	Como o ritmo determinado pelo leitor do audiolivro afeta a decodificação do texto?

Fonte: elaboração dos autores.

Comparação entre a modalidade sensorial do livro impresso e audiolivro

Para explorar a modalidade sensorial, é preciso observar como a percepção por diferentes sentidos afeta a decodificação do texto e, assim, a compreensão. A leitura do livro impresso acontece através da visão e do tato; já a do audiolivro dá-se pela audição. O professor pode solicitar aos alunos que tampem os ouvidos enquanto leem, e que fechem os olhos enquanto escutam. Outros pontos a serem explorados estão na relação com a materialidade do livro e com o ambiente de leitura. Também se pode comparar a experiência da leitura silenciosa com a audição do mesmo trecho em um audiolivro, levando em conta a ausência/presença desses elementos da materialidade de cada uma das mídias.

Neste momento, é importante escutar as versões em audiolivro em diferentes dispositivos (como fones de ouvido simples e de alta qualidade), para compartilhar as percepções sobre como a qualidade do som e o dispositivo de reprodução influenciam na decodificação do texto. Abaixo, apresentamos questionamentos que podem guiar essa atividade comparativa em sala de aula:

Tabela 4 – Exemplo de questionamentos para a comparação da modalidade espaçotemporal entre o livro e o audiolivro.

Modalidade	Livro	Audiolivro
Sensorial	De que modo a interação com a materialidade das diferentes edições em livro – cheiro, textura, peso – afetam a decodificação do texto e a experiência de leitura?	De que modo as diferenças sonoras – tom de voz, pausas, efeitos sonoros, trilha sonora – afetam a decodificação do texto e a experiência de leitura?
	O espaço em que nos colocamos para ler afeta a percepção?	Escutar em caixas de som ou fones de ouvido afeta a percepção?

Fonte: elaboração dos autores.

Comparação entre a modalidade semiótica do livro impresso e audiolivro

Como já mencionamos, as modalidades das mídias são inseparáveis no ato de percepção, pois mediação e representação são atos simultâneos e interdependentes no processo de leitura, em que a continuidade da decodificação linear é afetada pela compreensão do texto já decodificado. Assim, questões sobre interpretação do texto e a construção de significado, que se relacionam com a modalidade semiótica, surgirão durante todo o processo de análise das modalidades pré-semióticas. No entanto, a atividade de interpretação em toda a sua complexidade é a culminância da compreensão dos aspectos materiais, espaçotemporais e sensoriais das mídias, em que todos esses elementos veem participar da discussão.

A modalidade semiótica das mídias é aquela que trata da representação através dos signos – neste caso, das palavras escritas, faladas, dos sons e da música. A atividade de ler para alcançar o significado tem sentido neste aspecto de compreender que objetos estão sendo representados e, no caso da obra literária, que objeto está sendo *apresentado* – a narrativa *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Assim, a análise da modalidade semiótica envolve também o conhecimento *de* literatura, simultâneo ao conhecimento *pela* literatura aqui proposto. Vejamos que todo esse processo de leitura/escuta, que pode envolver várias aulas, é o mesmo da compreensão, da interpretação e da concretização do texto, cujas atividades didáticas envolvem o debate, questionários, produção escrita, seminários, etc.

A intenção aqui é promover a comparação entre os dois fenômenos literários: a narrativa escrita e a narrativa sonora. Vai haver momentos em que a história será o foco da discussão, para além do modo como ela foi percebida – pela palavra escrita ou pela performance do leitor –, quando então construir o conhecimento de literatura passa a ser o objetivo da leitura. Neste trabalho, assim, não colocamos em foco a interpretação da obra de Machado, mas o entendimento da comparação entre sua versão escrita e sonora. Para isso, incluímos algumas questões que colocam em foco aspectos semióticos dos produtos de mídia.

Tabela 5 – Exemplo de questionamentos para a comparação da modalidade semiótica entre o livro e o audiolivro.

Modalidade	Livro	Audiolivro
Semiótica	Como o projeto gráfico das diferentes edições coloca o leitor dentro da história?	Como a performance sonora dos diferentes leitores influencia na experiência de imersão na história?
	A presença de elementos visuais no livro afeta a construção de significado?	A ausência de elementos visuais no audiolivro afeta a construção de significado?
	De que modos a leitura dos leitores – tom de voz, pausas, modalizações – afeta a construção de sentido em comparação à leitura do texto escrito?	
	Ao ler e escutar as palavras, imagens surgem na mente?	
	Quais são as estratégias da escrita e da performance sonora para construir ambiência para a história e emoções nos personagens?	
	O leitor dos audiolivros performatiza ironia e humor, característicos do texto de Machado?	
	A atmosfera criada pelo audiolivro através da performance e dos efeitos sonoros e música é diferente daquela criada a partir da leitura do texto escrito?	
	As versões em audiolivro mostram interpretação do texto de Machado?	

Fonte: elaboração dos autores.

Embora o nosso enfoque seja o livro e o audiolivro, para complementar essa análise, os alunos podem ainda ser incentivados a explorar outros tipos de mídias que transmidiam a história de

Memórias Póstumas de Brás Cubas, como filmes e histórias em quadrinhos, para além do já citado livro eletrônico. Essas adaptações são capazes de oferecer uma nova dimensão ao ensino de literatura, permitindo que eles vejam como diferentes mídias interpretam e representam a mesma história a partir de suas linguagens próprias.

Síntese do conhecimento

No processo de síntese do conhecimento, os alunos não apenas exploram os aspectos literários de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, mas são desafiados a aplicar seu entendimento através da criação de trechos em audiolivro. Esta etapa da atividade vai além da simples leitura em voz alta ou gravação de voz, já que ela requer, além da escolha de partes do texto, uma análise profunda dos elementos estilísticos e narrativos da obra de Machado de Assis.

Para isso, os estudantes são incentivados a selecionar trechos que não apenas exemplifiquem o estilo único do autor, mas que também transmitam a complexidade das emoções e dos pensamentos dos personagens. Neste ponto, o professor pode escolher diferentes critérios para guiar a seleção. Ao criarem seus audiolivros, os alunos podem utilizar uma variedade de equipamentos, desde simples gravadores de voz em smartphones até microfones mais sofisticados disponíveis na escola ou em laboratórios de mídia. Esses recursos técnicos não apenas facilitam a gravação de áudio com qualidade, mas também permitem aos alunos experimentar como diferentes efeitos sonoros e técnicas de edição participam na construção de sentido.

A escolha do tipo de performance vocal, por exemplo, pode variar conforme a intenção de transmitir humor, ironia ou melancolia, características tão marcantes nas obras de Machado de Assis. Além dos equipamentos, a dinâmica da criação dos trechos de audiolivros pode envolver a colaboração entre os alunos na escolha dos trechos a serem gravados, na interpretação dos personagens e na seleção de música de fundo ou efeitos sonoros que complementem a atmosfera da narrativa. Essa abordagem não apenas incentiva a criatividade individual, mas também promove o trabalho em equipe e a troca de ideias entre os estudantes.

Durante a apresentação dos audiolivros criados pelos grupos, os alunos devem compartilhar suas escolhas artísticas e técnicas, refletindo sobre como essas decisões influenciam a experiência auditiva dos ouvintes. A discussão em sala de aula pode abordar aspectos como a fidelidade ao texto original, a interpretação pessoal dos trechos selecionados e o impacto da performance vocal na construção de sentido.

Tabela 6 - Etapas de construção de conhecimento.

Etapa	Descrição
Roteirização	Alunos selecionam as partes dos textos que serão performatizadas, entre o narrador e as personagens. Selecionam os leitores para cada uma dessas partes.
Gravação	Uso de gravadores simples a microfones sofisticados para gravações, explorando efeitos sonoros. É possível ter um diretor, que coordene a performance, e técnicos de som. Também podem incluir efeitos especiais e música ambiente.
Pós-produção	Os estudantes escutam o texto e avaliam a necessidade de regravação, cortes, inclusões. Conforme o equipamento utilizado, é neste momento da edição que a trilha sonora é incluída se o audiolivro não foi gravado com som ambiente.

Apresentação e discussão	Alunos compartilham decisões artísticas, analisam o impacto na experiência auditiva e interpretativa.
--------------------------	---

Fonte: elaboração dos autores.

Essa análise crítica da produção dos estudantes não só é capaz de fortalecer a compreensão deles sobre as mídias e sobre a literatura, mas também desenvolve suas habilidades de expressão oral, edição de áudio e uso criativo da tecnologia. Isso contribui para o desenvolvimento da habilidade de comunicar de forma clara e persuasiva, enquanto discutem como suas decisões impactam a experiência auditiva e interpretativa dos ouvintes. Em suma, o projeto não só focaliza a leitura do texto literário, mas como aspectos de produção e de recepção dos dois tipos de mídia afetam a experiência com a literatura.

A leitura comparada sob o viés da intermedialidade

A relação entre livro impresso e o audiolivro destaca a importância da leitura comparada como uma metodologia essencial para promover uma compreensão mais profunda das relações entre as mídias. O cotejo entre dois diferentes tipos de mídia permite desenvolver habilidades críticas e interpretativas que transcendem os limites de uma mídia quando pensada isoladamente. Além disso, ao examinar como diferentes produtos de mídia mediam um mesmo valor cognitivo, é preciso considerar como *affordances* e modos de cada uma constroem sentido, o que permite entender estratégias de comunicação em sentido amplo.

A leitura comparada no viés da intermedialidade também pode incentivar a refletir sobre aspectos técnicos e tecnológicos das mídias, bem como sobre o contexto histórico, cultural e social em que produtos de mídia são produzidos. É nesse sentido que a literatura acaba sendo colocada como uma expressão integrada à cultura e ao mundo de seu tempo. Produzir e ler literatura são atividades de comunicação, e as especificidades da linguagem literária colocam em evidência estratégias de construção de mundos, de imersão, de persuasão, que são importantes para o entendimento das potências do ato de comunicar, tão importantes nesse mundo cada vez mais mediado por tecnologias que dão voz a tantas pessoas de modo imediato e amplo.

No ensino de literatura, a leitura comparada sob o viés da intermedialidade não apenas coloca em evidência a literatura como um tipo de mídia, com suas estratégias que se adaptam às mídias técnicas, mas também prepara os alunos para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais diversificado e interconectado.

Referências

- ASSIS, Machado de (2024). *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Antofágica.
- ASSIS, Machado de (2023a). *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Produtora: Íntegra Audiolivro. 26 dez. 2023. 1 áudio (8h6m). Audiolivro. [Ledor: Ronnie de Campos Mello].
- ASSIS, Machado de (2023b). *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Produtora: Tocalivros Clássico. 2 ago. 2023. 1 áudio (8h41m33s). Audiolivro. [Ledores: Leo Raoni, Thiago Ubaldo, Priscila Scholz, Zeza Mota].
- ASSIS, Machado de (2019). *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Produtora: Íntegra Audiolivro. 1 nov. 2019. 1 áudio (9h14m). Audiolivro. [Ledor: Gustavo Ottoni].
- ASSIS, Machado de (2018). *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Panda Book.
- ASSIS, Machado de (2014). *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Penguin-Companhia.
- ATÃ, Pedro; SCHIRRMACHER, Beate (2022). Media and modalities. In: BRUHN, Jørgen; SCHIRRMACHER, Beate (eds.) (2022). *Intermedial studies: an introduction to meaning across media*. New York: Routledge.
- BRASIL (2018). Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília.

BRUHN, Jørgen; SCHIRRMACHER, Beate (2022). Intermedial studies. In: BRUHN, Jørgen; SCHIRRMACHER, Beate (eds.) (2022). *Intermedial studies: an introduction to meaning across media*. New York: Routledge.

COSSON, Rildo (2006). *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto.

ELLESTRÖM, Lars (2021). *As modalidades das mídias II: um modelo expandido para compreender as relações intermidiais*. Tradução de Beatriz Alves Cerveira, Júlia de Oliveira Rodrigues e Juliana de Oliveira Schaidhauer. Porto Alegre: EDIPUCRS.

GARCIA, Jaimeson Machado; DOMINGOS, Ana Cláudia Munari; FRONCKOWIAK, Ângela Cogo (2023). O leitor simbólico, o icônico e o indicial: uma proposta de classificação aos agentes da voz do audiolivro. *Afluentes: Revista de Letras e Linguística*, Bacabal, MA, v. 8, n. 23, p. 430-459.

GARCIA, Jaimeson Machado; DOMINGOS, Ana Cláudia Munari (2024). Do cinema ao audiolivro: compartilhando recursos de mídia. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 13, n. 2, p. 503-521, maio-ago. [publicado originalmente como: From cinema to audiobook: sharing media features. *Ekphrasis*, Cluj-Napoca, Romênia, v. 29, n. 1, p. 43-63, jul. 2023. Traduzido pelos próprios autores].

GENETTE, Gerard (2006). *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: FAE/UFMG.

RAJEWSKY, Irina (2012). A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermidialidade. In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira; VIEIRA, André Soares (orgs.) (2012). *Intermidialidade e Estudos Interartes: desafios da arte contemporânea 2*. Belo Horizonte: Rona Editora. p. 51-73.

SANTAELLA, Lucia (1996). *A cultura das mídias*. São Paulo: Experimento.

SANTAELLA, Lucia (2003). *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus.

VASCONCELLOS, Celso dos S. (1992). Metodologia dialética em sala de aula. *Revista de Educação AEC*, Brasília, v. 21, n. 83, p. 28-55, abr/jun.